

# Aconselhar estudantes com trajetórias complexas

## Um Manual Prático

# ACONSELHAR ESTUDANTES COM TRAJETÓRIAS COMPLEXAS

Um manual prático

"Aconselhar Estudantes com Trajetórias Complexas. Um Manual Prático" por [António Moreira Teixeira](#), [Alicia Villar Aguiles](#), [Alfredo Soeiro](#), [Maria do Carmo Teixeira Pinto](#) & [João Paz](#) está licenciado sob [CC BY 4.0](#)

## Projecto



O projeto Trajetórias Complexas é financiado pelo acordo de subvenção Erasmus+ da União Europeia  
No. KA203-082842, 2020-2023.

## Membros do consórcio



## Índice

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	5
<b>1.2. O que significa trajetórias complexas dos estudantes?</b> .....	6
<b>1.3. O que são boas práticas?</b> .....	6
<b>1.4. O que é um ambiente institucional facilitador: políticas, práticas e cultura?</b> .....	7
<b>2. BOAS PRÁTICAS DE INTEGRAÇÃO DOS ESTUDANTES</b> .....	8
<b>2.1. Preparar o acesso ao Ensino Superior</b> .....	8
<b>2.2. Apoio pedagógico de tutores</b> .....	9
<b>2.3. Apoio social e económico aos estudantes</b> .....	9
<b>2.4. Personalização dos percursos de aprendizagem</b> .....	10
<b>2.5. Boas práticas institucionais para o inspirar</b> .....	11
<b>3. BOAS PRÁTICAS DE ACOMPANHAMENTOS DOS ESTUDANTES</b> .....	12
<b>3.1. Prevenção do abandono escolar</b> .....	12
<b>3.2. Reorientação dos estudantes</b> .....	13
<b>3.3. Apoio e inclusão dos estudantes com necessidades especiais</b> .....	14
<b>3.4. Boas práticas institucionais para o inspirar</b> .....	14
<b>4. BOAS PRÁTICAS DE ACONSELHAMENTO PSICOPEDAGÓGICO E DE APOIO À TRANSIÇÃO PROFISSIONAL</b> .....	15
<b>4.1. Avaliação psicopedagógica dos estudantes</b> .....	15
<b>4.2. Orientação e integração dos estudantes</b> .....	16
<b>4.3. Integrar a diversidade de perfis dos estudantes</b> .....	17
<b>4.4. Apoiar as transições educativas e profissionais dos estudantes</b> .....	18
<b>4.5. Boas práticas institucionais para o inspirar</b> .....	19
<b>Breve nota sobre o projeto Complex Trajectories</b> .....	20
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	21
<b>GLOSSÁRIO</b> .....	22

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1. O que significa aconselhar os estudantes em contextos e ambientes de aprendizagem diferenciados (online, presencial e híbrido)?

Os conselheiros desempenham um papel crucial nas instituições de ensino superior (IES), ajudando os estudantes ao longo do seu percurso académico. Contribuem para a integração bem-sucedida dos estudantes no ambiente institucional, ajudando-os a planear e a seleccionar cursos e orientando-os na consecução dos seus objetivos académicos e profissionais. Mas também acompanham e apoiam a trajetória dos estudantes, ajudando-os a lidar com desafios académicos, questões pessoais ou conflitos que possam impedir o seu progresso. O papel dos conselheiros inclui também o acompanhamento dos progressos dos estudantes, apoiando-os na exploração de opções de carreira e na preparação para o mercado de trabalho, bem como



envolvendo os estudantes em iniciativas destinadas a melhorar a sua resiliência.

O objetivo final dos conselheiros é proporcionar aos estudantes a possibilidade de tomarem decisões informadas, promover o seu desenvolvimento pessoal e académico e melhorar a sua experiência global no ensino superior. Os conselheiros

podem ter um impacto significativo no sucesso e bem-estar dos estudantes ao longo da sua trajetória no ensino superior.

Aconselhar os estudantes em contextos de aprendizagem diferenciados implica adaptar a orientação e o apoio educativo para satisfazer as diversas necessidades, preferências e estilos de aprendizagem dos estudantes em vários ambientes de aprendizagem. As IES devem reconhecer que cada estudante aprende de forma diferente e devem ajustar a ele as suas instruções, avaliações e estratégias de apoio, a fim de criar um ambiente de aprendizagem inclusivo e eficaz.

No entanto, os ambientes de aprendizagem também podem ser bastante diversificados. Estes podem incluir ambientes de aprendizagem online, presencial e híbridos. Cada uma destas modalidades requer a utilização de abordagens específicas. Em geral, a chave para aconselhar os estudantes em contextos de aprendizagem diferenciados é ser adaptável, atento e empático.

## 1.2. O que significa trajetórias complexas dos estudantes?

Ao contrário do que tradicionalmente se entende, as experiências de sucesso dos estudantes no ensino superior não seguem necessariamente uma trajetória homogênea, sequencial ou contínua. Para obterem as suas qualificações, os estudantes do ensino superior deparam-se cada vez mais com a necessidade de adiar, interromper ou mudar de direção no decurso dos seus estudos. Isto não os impede de alcançar o sucesso de acordo com o seu próprio ritmo e no seu próprio tempo.

Se reconhecermos as trajetórias dos estudantes como um fenómeno complexo, isso permite-nos descrever e compreender melhor a forma como os estudantes se movem no decurso das suas experiências de ensino superior. Permite-nos também identificar os recursos adequados e as boas práticas que permitam às instituições apoiarem os estudantes com necessidades e experiências diversas a alcançarem os seus objetivos de aprendizagem.

## 1.3. O que são boas práticas?

O conceito de boas práticas teve origem no sector privado (Gamson, 1991) e daí foi rapidamente transitou para o sector público. Não existe uma definição única ou consensual. Para ser considerada como tal, uma boa prática deve satisfazer quatro critérios: ser inovadora, ser eficaz, ser sustentável e ser replicável (UNESCO, 2003 in Gradaille & Caballo, 2016). Cevallos, Alcívar & Cordero (2019) identificam as boas práticas como experiências de práticas bem-sucedidas levadas a cabo com o objetivo de implementar alguma estratégia, metodologia, conceção, modelo, modalidade ou processo de gestão diferente que permita a melhoria educativa, ou seja, a inovação.



Hall e Jennings (2008) propõem uma gradação de boas práticas (incluindo neste termo tanto políticas e programas como ações/projetos mais simples) com base na possibilidade de avaliações científicas ou quase científicas dos resultados obtidos. Distinguem entre melhores práticas (as que se revelaram eficazes e eficientes), práticas baseadas em provas (que se centram em resultados avaliados com base em provas empíricas sistemáticas) e práticas "promissoras" (as que ainda são difíceis de avaliar, mas que merecem atenção). Para além desta

gradação, devem ser consideradas as particularidades do contexto. É desejável que as boas práticas sejam avaliadas de modo a mostrarem o seu efeito positivo e a sua transferibilidade para outros contextos.

No contexto das complexas trajetórias dos estudantes do ensino superior, identificamos as boas práticas como aquelas experiências que apoiam e orientam as trajetórias dos estudantes, entendendo que estas são diversas e não necessariamente lineares. Por conseguinte, trata-se de práticas destinadas a acompanhar a incorporação na universidade de novos estudantes, a mudança de trajetória para outros cursos, para outra instituição ou para outra modalidade de aprendizagem, bem como a apoiar trajetórias em que o ano de graduação é protelado ou trajetórias que são interrompidas.

#### 1.4. O que é um ambiente institucional facilitador: políticas, práticas e cultura?

Atualmente, a maioria dos estudantes que se matriculam numa IES não provém do local onde está sediada a instituição. Podem vir de regiões ou países muito diferentes. Além disso, alguns continuarão a viver longe do *campus*, frequentando as aulas e realizando atividades de aprendizagem total ou parcialmente online. Além disso, os estudantes, o corpo docente e o pessoal não docente são cada vez representativos de uma grande diversidade, tanto do ponto de vista geracional como de origens. Esta transformação traz consigo uma série de questões e desafios já identificados, mas também de alguns que são novos.

Para criar um ambiente favorável, as IES precisam de dispor de ferramentas e processos que lidem com a diversidade dos candidatos e com as tecnologias da comunicação. Em termos de políticas, as IES têm de definir sistemas de informação e de acesso para lidar com uma potencial diversidade de situações. As políticas devem ter em consideração o vasto leque de perfis e de culturas dos participantes. Relativamente às práticas, as IES devem ter uma atitude de melhoria contínua para aprender com os outros e com as suas próprias experiências. As práticas têm de ser fiáveis e flexíveis para se adaptarem a diferentes necessidades, situações e culturas. As comunidades das IES devem prestar atenção à inclusão e à diversidade, constituindo estes aspetos uma referência social de abertura e transparência. Efetivamente, embora uma cultura institucional baseada na abertura e na transparência leve tempo a consolidar-se no mundo académico é, sem dúvida, fundamental para facilitar a inclusão, a equidade e a diversidade. Neste sentido, as IES necessitam de ter uma ligação estreita com a sociedade para garantir uma boa comunicação. É fundamental um interface adequado com os potenciais candidatos. Uma presença dinâmica e atrativa na Internet, conjugada com a atuação de gabinetes especializados, é a abordagem correta.



## 2. BOAS PRÁTICAS DE INTEGRAÇÃO DOS ESTUDANTES

### 2.1. Preparar o acesso ao Ensino Superior (ES)

Um acesso ao ES sem sobressaltos depende da disponibilização de informações claras sobre os planos de curso, os procedimentos burocráticos e as regras a seguir. Também pode ser bastante útil que as IES forneçam orientações sobre como organizar uma primeira visita ao *campus*, informações sobre uma unidade de apoio que exista ou mesmo sobre as instalações de que dispõem à chegada. Por vezes, a primeira impressão é o que conta e, por isso, as IES devem assegurar que transmitem uma boa impressão quando lidam com novos estudantes.

Outro aspeto relevante é o facto de as IES deverem fazer um grande esforço para conhecer os perfis, as aspirações e as condições sociais dos estudantes que ingressam nas suas instituições. Alguns novos estudantes querem aprender, enquanto outros esperam apenas obter um diploma e outros ainda encaram a IES como uma plataforma de acesso a novos e diversos futuros. O respeito pelos estilos de aprendizagem dos estudantes pode ser útil para adaptar os procedimentos de acesso inicial e definir as atividades de ensino. O pessoal académico e não académico deve estar preparado para receber recém-chegados de diferentes origens e meios. Assim, assegurar que este grupo de pessoas tem uma formação específica é uma boa forma de garantir esse objetivo. Além disso, as IES devem estar preparadas para apoiar a integração de estudantes estrangeiros. Para o efeito, têm de compreender as suas necessidades específicas. Por exemplo, os estudantes estrangeiros devem receber informações úteis sobre como subsistir no novo ambiente. Informações simples sobre a forma como utilizar os serviços de saúde, de transportes ou de refeições podem representar um apoio importante.



## 2.2. Apoio pedagógico de tutores

O apoio pedagógico aos recém-chegados ao ensino superior é fundamental, pois a transição do ensino secundário para um ambiente mais autónomo em termos de atividades e escolhas pode trazer dificuldades. A maioria das IES dispõe de gabinetes dedicados a formar e informar os recém-chegados sobre como estudar, como utilizar o tempo e como lidar com o stress que pode decorrer de um modo de vida e de estudo independente. Outras IES deixam a prestação desse apoio a estudantes mais velhos ou a antigos diplomados. Ambas as abordagens têm vantagens e desvantagens. Algumas IES indicam para cada



estudante um mentor ou tutor pertencente ao corpo académico. Os dois encontram-se semanalmente, ou segundo outra periodicidade definida, e o objetivo é promover a ligação entre o estudante e o membro do corpo docente. O tempo despendido pelos professores é contemplado na sua carga horária académica, facilitando assim o reconhecimento da importância de ter um membro do corpo docente a ajudar os recém-chegados.

Outros estabelecimentos de ES dispõem de cursos facultativos, online ou presenciais, para ajudar os recém-chegados a adquirir hábitos de estudo e para facilitar a sua compreensão da vida académica do estabelecimento de ensino superior. Estes cursos são geralmente definidos em função de cada área de estudo e da cultura da faculdade ou do departamento. Os cursos são ministrados por professores de Ciências da Educação ou por pessoal académico ou estudantes mais antigos. Em qualquer dos casos, o objetivo é levar os estudantes recém-chegados a aprender a enfrentar com sucesso uma situação comum resultante das diferenças entre as suas anteriores experiências académicas e os novos cenários que com que se terão de defrontar no ensino superior, em geral. Aparentemente, a principal razão dos abandonos é o facto de os recém-chegados não se conseguirem adaptar pessoalmente ao novo ambiente do ensino superior.

## 2.3. Apoio social e económico aos estudantes

Um estudante não pode ter um bom desempenho se não estiverem reunidas as condições mínimas para o seu bem-estar. Um estudante que não tenha uma nutrição satisfatória e uma

integração social suficiente terá dificuldades em ter o desempenho esperado. Em muitos países, o investimento público nas IES representa um esforço político importante para melhorar as competências e as qualificações da população. Se não for por razões sociais e morais, esta constatação económica deve ser uma motivação para garantir um financiamento público adequado para o provimento de alojamento, alimentação e vestuário aos estudantes.

É de notar que nem todos os estudantes têm acesso ao apoio social em termos idênticos. De facto, os estudantes provenientes de classes económicas mais baixas, de grupos religiosos minoritários ou de grupos étnicos diferentes, bem como os estudantes com algum tipo de incapacidade ou com comportamentos invulgares, são normalmente alvo de um tratamento desigual. As IES devem ser capazes de identificar os estudantes nestas situações e prestar-lhes o apoio necessário, quer externa quer internamente. A falta de uma integração clara na população estudantil é uma das principais razões para o abandono escolar e deve ser abordada de forma coletiva e pró-ativa.

#### 2.4. Personalização dos percursos de aprendizagem

Aplicando novamente o critério da equidade, é também fundamental que as IES compreendam que cada estudante é uma pessoa com características, personalidade e competências únicas. É necessário acompanhar o desempenho de cada estudante e tomar as medidas necessárias se houver desvios significativos. Efetivamente, alguns dos fatores que favorecem o abandono escolar podem ser identificados através da análise dos dados de desempenho dos estudantes e das turmas. A comparação da análise das classificações e da assiduidade com o desempenho da turma, bem como dos relatórios analíticos de aprendizagem, é útil para identificar problemas no percurso de aprendizagem dos estudantes.

É evidente que um modelo único não serve para todos e que o ensino e a aprendizagem devem adaptar-se às necessidades e às características de cada estudante. A maioria dos estudantes pode, geralmente, lidar com uma forma única de ensino, de avaliação e de supervisão. Os outros necessitam, na maioria das vezes, de abordagens personalizadas que tenham em conta os estilos de aprendizagem, os hábitos de estudo, os perfis intelectuais e o estatuto socioeconómico. Existe um consenso crescente relativamente à inadequação dos atuais métodos de avaliação, que aplicam o mesmo exame tradicional ou um instrumento de avaliação sumativa de estilo semelhante a toda uma turma, sem os diferenciar em função dos perfis dos estudantes.

Como referem Teixeira & Mota (2020), a transição digital deve promover uma cultura de aprendizagem mais participativa, pois as mudanças na forma como o conhecimento e a informação são produzidos, transmitidos ou distribuídos em rede escapam muitas vezes ao

controlo das organizações e instituições. "A aprendizagem e a avaliação devem ser baseadas na confiança e na colaboração; daí a importância crescente dos aspetos éticos envolvidos" (Teixeira & Mota, 2020, 181).

## 2.5. Boas práticas institucionais para o inspirar

Podemos encontrar um exemplo de boas práticas no Departamento de Engenharia Civil da Universidade de Sains, Penang, Malásia, que foi recolhido pelo projeto *Tuning Sudeste Asiático*. O ensino baseado em resultados é a abordagem adotada neste programa e os seus resultados de aprendizagem estão presentes em toda a instituição. Os estudantes estão conscientes das razões pelas quais estão a estudar e qual será o valor acrescentado no final dos seus estudos. O departamento tem um sistema baseado num programa informático, COBE, Civil Outcome Based Education, em que cada estudante tem um registo do seu desempenho relativamente a cada um dos resultados de aprendizagem do programa. Tem a forma de uma mandala e a progressão de cada estudante é registada como uma percentagem do resultado de cada aprendizagem. O registo dos resultados é feito pelos professores e analisado pelo diretor académico e pelos respetivos professores. São tomadas medidas corretivas sempre que consideradas necessárias.

Outro exemplo de boa prática é a Escola de Engenharia da Universidade Jiao Tong, em Xangai, na China, que foi observado no decurso do projeto *Tuning China*. Nesta escola existe um departamento de qualidade que também analisa o desempenho de cada turma em termos de notas, métodos de avaliação, problemas enfrentados pelos estudantes e pelo pessoal académico. Cada estudante deve preencher regularmente um inquérito que é geral e nominal. Esta prática, juntamente com as entrevistas do pessoal académico, permite ao departamento de qualidade seguir o desempenho de cada estudante. O inquérito sobre as aulas aborda questões técnicas, questões pessoais, participação social e desempenho académico. A existência de uma unidade de qualidade dedicada ao desempenho dos estudantes é demonstrativa da preocupação da IES com o desempenho e o bem-estar dos estudantes.

Consulte também as seguintes boas práticas para preparar o ingresso de estudantes e apoiar a sua integração nas IES:

PROGRAMA ARGÓ - Universitat Autònoma de Barcelona (Spain)

TESTEMUNHOS - O QUE DIZEM OS NOSSOS ESTUDANTE - Universidade Aberta (Portugal)

CONÈIXER LA UNIVERSITAT (CONÈIXER) - Universitat de València (Spain)

CREDIT TRANSFER - Open University (United Kingdom)

MÓDULO DE AMBIENTAÇÃO ONLINE – MAO - Universidade Aberta (Portugal)

SESSAO DE BOAS-VINDAS – Universidade do Porto (Portugal)

PROGRAMA TRANSVERSAL DE MENTORIA INTERPARES - Universidade do Porto (Portugal)  
ESPRIA - Universitat Oberta de Catalunya (Spain)  
ENTREIGUALS - Universitat de València (Spain)  
ACCESS MODULES - Open University (United Kingdom)

### 3. BOAS PRÁTICAS DE ACOMPANHAMENTO DOS ESTUDANTES

#### 3.1. Prevenção do abandono escolar

Referimo-nos a boas práticas de acompanhamento de estudantes quando estas se destinam a estudantes que já integram a universidade. Existe uma crescente diversificação dos grupos de estudantes que resultou da expansão do ensino superior nas últimas décadas do século XX (Burke, 2016). Esta expansão, também designada por processo de massificação, alterou consideravelmente a experiência social da universidade e dos estudantes e, embora as experiências dos estudantes se possam assemelhar enquanto indivíduos, o peso do contexto institucional e as condições de estudo não são iguais em todo o lado (Dubet, 2017).

As boas práticas de acompanhamento dos estudantes têm como principal objetivo fomentar uma maior persistência e empenho. A falta de orientação e de boas práticas de acompanhamento é uma causa significativa de abandono dos estudos universitários, especialmente durante o primeiro ano.

As boas práticas relacionadas com o abandono escolar caracterizam-se por serem preventivas ou reativas. Estas práticas foram introduzidas com o objetivo de prevenir possíveis casos de abandono e de reduzir as taxas de abandono e de mudança de estudos devido à dificuldade de adaptação à universidade.

A prática denominada *Projecte Brúixola* (Universidade Autónoma de Barcelona) é um bom exemplo. O seu objetivo é estabelecer uma relação de confiança e de envolvimento dentro da universidade, ligando os estudantes universitários aos estudantes pré-universitários. Pretende-se, assim, prevenir possíveis casos de abandono escolar, preparando os futuros estudantes para a entrada na universidade, mediante a relação entre os estudantes que participam no programa.

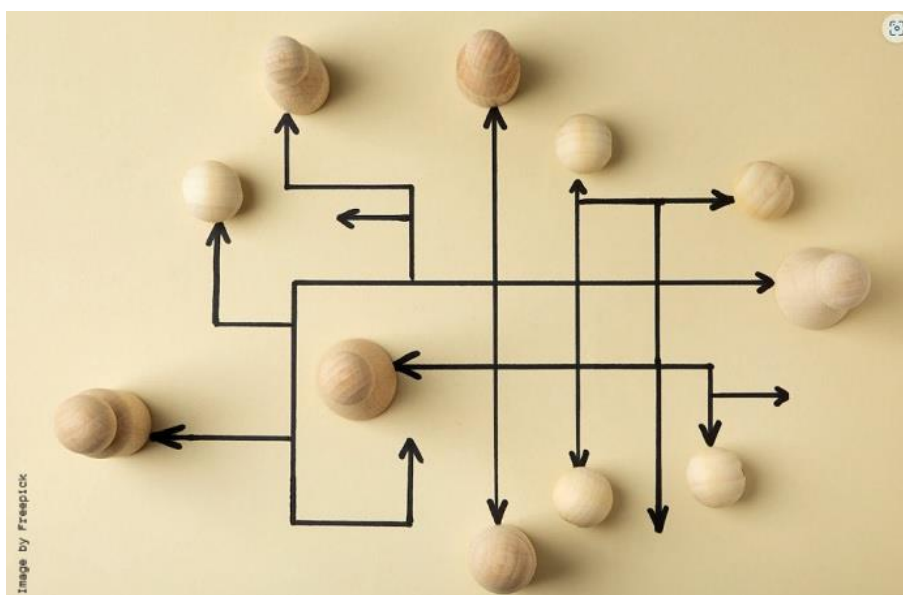
A *Ferramenta de Prevenção do Abandono Escolar* (Univesitat Oberta de Catalunya), por outro lado, é uma ferramenta de apoio ao tutor para monitorizar a atividade académica de estudantes recentemente inscritos e reinscritos. Os tutores contactam os estudantes em risco de abandono escolar, utilizando uma ferramenta para monitorar a sua interação online

Também vale a pena mencionar a boa prática intitulada *OU Analyse* (Open University). Trata-se de uma ferramenta utilizada pelos tutores para dar prioridade aos contactos com os estudantes que podem estar em risco de abandono. Esta ferramenta permite que o tutor obtenha

informações para aconselhar da melhor forma possível sobre como ultrapassar os problemas que possa ter, sem abandonar os estudos.

### 3.2. Reorientação dos estudantes

A perspetiva das trajetórias complexas, tal como defendemos neste projeto, é enriquecedora e ampla na medida em que reconhece que as trajetórias nem sempre se desenvolvem num sentido contínuo. A complexidade centra-se em trajetórias que sofrem atrasos, interrupções ou mudanças. As mudanças de trajetórias exigem que as universidades sejam capazes de instituir os recursos necessários ao acompanhamento da reorientação para outros cursos ou oportunidades.



Nem todas as universidades consideram positivo apoiar este processo, porque este tem sido tradicionalmente entendido como um fracasso. No entanto, as mudanças de cursos implicam uma pluralidade de experiências de aprendizagem para os estudantes, o que tem um valor social acrescentado, se o ensino superior for visto como parte de uma perspetiva mais ampla de aprendizagem ao longo da vida (Villar et al., 2012).

A boa prática que se apresenta seguidamente está diretamente relacionada com a reorientação num sentido positivo e com o facto de a reorientação ser uma opção possível. Esta boa prática, denominada *Semestre Réo* (Université de Bourgogne), assenta na organização cursos sobre diferentes temas de carácter básico, que visam ajudar os estudantes que enfrentam dificuldades académicas e se encontram em risco de abandono, após o primeiro semestre na universidade.

### 3.3. Apoio e inclusão dos estudantes com necessidades especiais

As IES têm desenvolvido programas e recursos para apoiar às trajetórias e experiências dos estudantes com necessidades educativas especiais. Estes recursos dizem respeito ao acesso e às condições gerais de permanência no ensino superior com sucesso, através de apoios pedagógicos que garantam melhores condições de sucesso académico a estes estudantes, como tempos extra para a realização de exames e outras adequações.

As universidades devem ter uma ação proactiva no que respeita aos estudantes com necessidades educativas especiais, pois a situação deles é particularmente difícil nas primeiras semanas de frequência e mesmo durante o seu primeiro de atividades académicas (Moriña, 2017).

Na nossa recolha de boas práticas, identificámos programas dedicados ao atendimento de desses estudantes. Alguns deles são destacados abaixo.

A boa prática denominada *UVDiscacitats Voluntariat* (Universitat de València) é um programa que visa apoiar o acompanhamento de estudantes com necessidades educativas especiais, com vista à sua integração na vida universitária e assegurar que tenham um acesso satisfatório aos recursos de ensino e às estruturas académicas. Os estudantes voluntários colaboram na adaptação de material a formatos acessíveis e a tirar apontamentos. O voluntariado é essencial para sensibilizar e acompanhar o percurso destes estudantes com necessidades educativas especiais.

O *Estatuto do Aluno com Necessidades Educativas Especiais* (Universidade do Porto) é um regulamento interno que lhes permite, por exemplo, ter mais tempo para concluir os exames. Este regulamento específico faz parte da política de inclusão, que exige a eliminação de todos os fatores que desfavorecem os estudantes com qualquer tipo de incapacidade.

### 3.4. Boas práticas institucionais para o inspirar

Conheça as seguintes boas práticas adicionais e inspire-se nestas iniciativas de sucesso:

PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DO PESSOAL NO DOMÍNIO DO ENSINO A DISTÂNCIA E DIGITAL - Universidade Aberta (Portugal)

MODELO PEDAGÓGICO VIRTUAL® (MPV) - Universidade Aberta (Portugal)

PLANES DE ACCIÓN TUTORIAL (PAT) - Universitat Autònoma de Barcelona (Spain)

SERVIÇOS DE APOIO SOCIAL - Universidade do Porto (Portugal)

PAGAMENTO DE PROPINAS ATRAVÉS DA PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS - Universidade do Porto (Portugal)

TRABALHADORES COM ESTATUTO ESPECIAL - Universidade do Porto (Portugal)

PLA DE ACCIÓ TUTORIAL - Universitat Oberta de Catalunya (Spain)



## 4. BOAS PRÁTICAS DE ACONSELHAMENTO PSICOPEDAGÓGICO E DE APOIO À TRANSIÇÃO PROFISSIONAL

### 4.1. Avaliação psicopedagógica dos estudantes

A avaliação psicopedagógica e o apoio aos estudantes é crucial para que as IES promovam um ambiente de aprendizagem solidário e inclusivo. Estas avaliações são concebidas para compreender as necessidades individuais, os pontos fortes e os desafios dos estudantes, em particular os que têm dificuldades de aprendizagem (dislexia, PHDA ou perturbações do espectro do autismo), bem como outras dificuldades cognitivas ou problemas comportamentais. É, assim, possível conceber planos de apoio personalizados para os estudantes com base nos seus perfis cognitivos e de aprendizagem únicos. Estes planos podem incluir aspetos tão diferentes como alojamento académica, tempo alargado para a realização dos exames ou tecnologias de apoio. Além disso, podem também incluir intervenções específicas e serviços de aconselhamento para lidar com desafios emocionais ou comportamentais.

Ao compreender os seus pontos fortes e fracos cognitivos, os estudantes podem receber apoio direcionado com vista a otimizar a sua experiência de aprendizagem, o que conduz a um melhor



desempenho global. Como ficou demonstrado durante a pandemia de Covid-19, o apoio à saúde mental e ao bem-estar dos estudantes é também muito importante para as instituições de ensino superior (Teixeira & Mota, 2020). As avaliações psicopedagógicas incluem frequentemente avaliações do bem-estar emocional e psicológico dos estudantes. A

deteção precoce de problemas de saúde mental permite às instituições fornecer aconselhamento e apoio atempados.

O objetivo final é promover a inclusão e a diversidade na comunidade das instituições de ensino superior. Os serviços que prestam avaliação e apoio psicopedagógico aos estudantes do ensino superior podem não só ajudá-los na transição (ensino secundário-superior), contribuindo assim para a sua integração, mas também acompanhá-los ao longo de todo o seu percurso, promovendo o seu desenvolvimento pessoal e assegurando a sua orientação educativa.

Os principais beneficiários destas avaliações são, em particular, os estudantes em risco de insucesso escolar por alguma razão ou situação específica. No caso da Universidade Autónoma de Barcelona, estes serviços foram introduzidos devido a uma preocupação especial com a



saúde sexual e a prevenção da SIDA entre os jovens, numa altura em que esta questão constituía um problema de saúde pública.

## 4.2. Orientação e integração dos estudantes

A disponibilização de programas de orientação e integração é fundamental para assegurar uma transição tranquila dos estudantes para as IES, fomentando uma experiência de aprendizagem positiva e solidária. Como é sabido, entrar numa IES pode ser uma mudança de vida muito significativa para os estudantes. Como é compreensível, esta mudança é frequentemente acompanhada de um misto de entusiasmo e ansiedade. Os programas de orientação ajudam a facilitar esta transição, fornecendo informações essenciais sobre o que esperar, o que é esperado e quem pode ajudar a percorrer a trajetória no ensino superior. Familiariza os estudantes com o seu novo ambiente, criando um sentimento de pertença que os faz sentir mais confortáveis e confiantes desde o início.

Os programas de orientação criam oportunidades para os estudantes se relacionarem uns com os outros, com o corpo docente, com o pessoal e com os estudantes que já se encontram a frequentar a universidade. Estabelecer estas ligações, desde cedo, ajuda os estudantes a criar amizades, redes de apoio e um sentimento de pertença, reduzindo os sentimentos de isolamento ou de saudades de casa.

Além disso, estes programas devem sensibilizar os novos estudantes para os serviços de apoio prestados, incluindo aconselhamento académico, serviços de saúde e desenvolvimento de carreiras. É também fundamental que ajudem os novos estudantes a conhecer as políticas e os procedimentos da instituição, como os regulamentos académicos ou o código de conduta. A compreensão dessas políticas, desde o início, promove um comportamento responsável e uma cultura institucional positiva.

Frequentemente, os programas de orientação incluem workshops académicos, módulos de cursos e sessões de aquisição de competências de estudo, com vista a dotar os estudantes de competências e ferramentas essenciais para se movimentarem adequadamente no ambiente de aprendizagem, especialmente no caso da aprendizagem online, e para concretizarem com êxito as suas experiências de aprendizagem. Para além disso, estas iniciativas devem também realçar a inclusão, a diversidade e a consciência intercultural, contribuindo para promover um ambiente institucional acolhedor e de respeito entre todos os estudantes.

Alguns programas de orientação envolvem tutoria, permitindo que os novos estudantes aprendam com as experiências de antigos licenciados. Esta interação pode inspirar os estudantes e dar-lhes uma ideia de possíveis carreiras profissionais.

### 4.3. Integrar a diversidade de perfis dos estudantes

Integrar a diversidade dos perfis dos estudantes é essencial para que as IES criem um ambiente educativo inclusivo e enriquecedor. Tal começa pela adoção e comunicação de políticas inclusivas que apoiem a diversidade e a equidade. Estas políticas podem abranger processos de admissão, oportunidades de ajuda financeira, serviços de alojamento e apoio a grupos sub-representados.

Outra boa prática relevante é as instituições desenvolverem programas e iniciativas que respondam às necessidades e interesses específicos dos diversos grupos de estudantes. Além disso, criar espaços seguros e inclusivos onde estudantes de diversas origens se possam reunir, partilhar experiências e encontrar apoio.

Simultaneamente, as IES devem realizar ações de formação destinadas ao corpo docente e ao pessoal não docente sobre diversidade e tolerância, a fim de criar um ambiente institucional mais acolhedor e compreensivo. A formação pode ajudar os educadores e conselheiros a reconhecer e a lidar com preconceitos subliminares, a adaptar os seus métodos de ensino às diversas preferências de aprendizagem dos estudantes e a apoiar eficazmente os de diferentes origens.



Outras boas práticas significativas incluem a implementação de currículos inclusivos, o incentivo à interação e colaboração entre estudantes de diversas origens e a disponibilização de recursos de aprendizagem acessíveis. No entanto, os conselheiros podem, mais uma vez, desempenhar um papel fundamental ao procurarem regularmente obter retorno dos estudantes relativamente às suas experiências no *campus* online/presencial e às suas perceções de inclusão. Este retorno pode ser utilizado para melhorar e aperfeiçoar continuamente as iniciativas relacionadas com o aspeto da diversidade.

As IES têm de ser proactivas na resolução de quaisquer barreiras sistémicas que possam impedir a plena participação e o êxito de estudantes de origens diversas. Isto pode implicar a resolução de questões relacionadas com a viabilidade económica, a acessibilidade do *campus* e os preconceitos institucionais. Integrar a diversidade e a complexidade não só enriquece a experiência educativa dos estudantes, como também os prepara para prosperar num mundo cada vez mais interligado, diversificado e complexo.

#### 4.4. Apoiar as transições educativas e profissionais dos estudantes

Com a disseminação da noção de aprendizagem ao longo da vida, as IES reconhecem cada vez mais que as trajetórias dos estudantes são também um processo ao longo da vida. Além disso, nos últimos anos, o apoio às transições educativas e profissionais dos estudantes para o mercado de trabalho tornou-se uma responsabilidade crucial para as IES

Este apoio pode ser prestado de várias formas. Em primeiro lugar, as instituições podem fornecer serviços abrangentes de aconselhamento de carreira para ajudar os estudantes a explorar diferentes percursos profissionais, compreender as tendências do mercado de trabalho e identificar os seus pontos fortes e interesses. Os conselheiros podem orientar os estudantes no

desenvolvimento de objetivos de carreira e na criação de planos de ação personalizados.

Outras boas práticas incluem a organização de programas de estágio e de colocação profissional, em colaboração com empresas e organizações. Estas oportunidades permitem aos estudantes ganhar experiência prática, construir as suas redes profissionais e aplicar os conhecimentos teóricos em contextos reais. Existe também a possibilidade de realizar workshops e sessões de formação



centradas no desenvolvimento de competências essenciais para a empregabilidade ou de prestar assistência na elaboração de currículos e na preparação de entrevistas.

As IES podem também promover eventos e plataformas de criação de redes, que liguem os atuais estudantes àqueles que já concluíram os seus percursos académicos e a profissionais do setor. Estas ações podem ser associadas a programas de tutoria. Algumas instituições organizam feiras de emprego e eventos de recrutamento onde os empregadores podem interagir diretamente com os estudantes. Outras criam gabinetes de inserção profissional ou constituem equipas dedicadas a estabelecer ligações entre estudantes e oportunidades de emprego e a ajudá-los no processo de candidatura. Há ainda muitas IES que disponibilizam recursos, orientação e oportunidades de financiamento para os estudantes interessados em criar as suas próprias empresas ou empreendimentos (*start-ups*).

Ao implementar estas boas práticas, as IES podem capacitar os seus estudantes com os conhecimentos, competências e apoio necessários para enfrentar com sucesso as transições

educativas e profissionais, garantindo a sua preparação para uma carreira gratificante e bem-sucedida no mercado de trabalho.

#### 4.5. Boas práticas institucionais para o inspirar

As boas práticas relativas às transições dos estudantes de e para contextos sociais e profissionais podem ser encontradas não apenas em serviços ou programas liderados por instituições, mas também em vários projetos financiados pela EU, como *PartnerUP*, *DISK – Digital Immigrants Survival Kit* e *5P-Competences' – Adult Education for Sustainability* ([www.eucen.eu](http://www.eucen.eu)). Estes projetos são iniciativas recentes e interessantes, que utilizam recursos digitais, e visam promover a educação contínua para todos, abordando diversas perspetivas como população sénior, competências digitais, sustentabilidade ou competências básicas. Aprenda também sobre o impacto positivo das seguintes boas práticas institucionais e considere como estes exemplos podem ser úteis no contexto da sua IES:

UNITAT D'ASSESSORAMENT PSICOPEDAGÒGIC - Universitat Autònoma de Barcelona (Spain)

GABINETE DE ORIENTAÇÃO E INTEGRAÇÃO (GOI) - Universidade do Porto (Portugal)

UVASSESSORIES - Universitat de València (Spain)

AULAbERTA – Universidade Aberta (Portugal)

CURSO FOCADO NAS CARREIRAS PROFISSIONAIS- Universidade do Porto (Portugal)

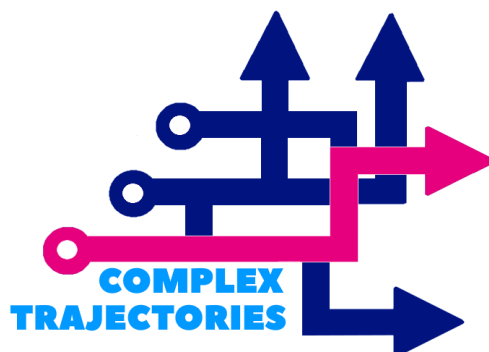
FUNDOS DE INVESTIGAÇÃO - Universidade do Porto (Portugal)

UVJOB (UVOCUPACIÓ) - Universitat de València (Spain)

NAU DELS ESTUDIANTS - Universitat de València (Spain)

## Breve nota sobre o projeto Complex Trajectories

O projeto Trajetórias Complexas é uma iniciativa financiada pelo programa Erasmus+ que se centra na compreensão das trajetórias complexas dos estudantes universitários, apoiando quem as percorre. Em termos práticos, o projeto pretende contribuir para estabelecer um sistema de monitorização regular das trajetórias estudantis, a fim de ajustar o desenvolvimento de políticas de apoio a essas trajetórias, nos diferentes níveis do sistema e das instituições universitárias.



<https://web.fe.up.pt/~complext/index>

O projeto tem três partes principais. Uma delas é dedicada ao desenvolvimento de uma metodologia de análise das trajetórias dos estudantes que seja transferível para outros contextos de ensino superior. O projeto tenta também compreender e comparar trajetórias de estudantes nas diferentes universidades do consórcio. Esta análise centra-se em trajetórias complexas, especialmente aquelas em que os estudantes transitam de uma instituição (ou curso) presencial para outra a distância (ou vice-versa), e nos perfis de estudantes vulneráveis por razões de origem social, antecedentes migratórios, localização geográfica ou outras.

Entre os vários resultados do projeto estão dois MOOC. Um deles trata da análise longitudinal e o outro das boas práticas de apoio tutorial a estudantes do ensino superior que seguem trajetórias académicas complexas.



AULA ABERTA | Aprenda gratuitamente online  
com a Universidade Aberta

A Universidade Aberta disponibiliza neste espaço, em acesso aberto, e de forma inteiramente gratuita, temas e recursos para uma experiência de aprendizagem online. Navegue livremente entre os vários temas apresentados, explore os recursos multimédia e participe nas atividades propostas.

Saiba Como

Obtenha aqui o tutorial de inscrição

## Referências

- Burke, P. J. (2016). Access and Widening Participation in Higher Education. In J.C. Shin & P. Teixeira (Eds.), *Encyclopaedia of International Higher Education Systems and Institutions* (pp.1-7). Springer. [https://doi.org/10.1007/978-94-017-9553-1\\_47-1](https://doi.org/10.1007/978-94-017-9553-1_47-1)
- Cevallos, D.; Cordero Arroyo, G.; Alcívar Vera, I. (2019). *Buenas prácticas en educación superior*. Instituto de Creatividad e Innovaciones Educativas. Universitat de València. <https://roderic.uv.es/handle/10550/75693?show=full>
- Dubet, François (2017). Students' Experiences in Higher Education. In J.C. Shin & P. Teixeira (Eds.), *Encyclopaedia of International Higher Education Systems and Institutions* (pp.1-9). Springer. [https://doi.org/10.1007/978-94-017-9553-1\\_343-1](https://doi.org/10.1007/978-94-017-9553-1_343-1)
- Gamson, Z. (1991). A brief history of the seven principles for good practice in undergraduate education. In A. W. Chickering and Z. F. Gamson (Eds), *Applying the seven principles for good practice in undergraduate education. New Directions for Teaching and Learning*, No. 47 (pp. 5-12). Jossey-Bass.
- Gradaille, R. & Caballo, M. (2016). Las buenas prácticas como recurso para la acción comunitaria: criterios de identificación y búsqueda. *Contextos Educativos*, 19, 75-88. <https://doi.org/10.18172/con.2773>
- Hall, J. L & Jennings, E. (2008). Taking Chances: Evaluating Risk as a Guide to Better Use of Best Practices. *Public Administration Review* 68(4), 695–708. <https://doi.org/10.1111/j.1540-6210.2008.00908.x>
- Moriña, Anabel (2017) Inclusive education in Higher Education: challenges and opportunities, *European Journal of Special Needs Education*, 32(1), 3-17. <https://doi.org/10.1080/08856257.2016.1254964>
- Teixeira, A. M. & Mota, J. (2020). The Importance of Being Open: How European open universities can reposition in the post-pandemic higher education landscape. In Kucina Softic, S., Teixeira, A. & Szucs, A. (Eds.). *Enhancing the Human Experience of Learning with Technology: New challenges for research into digital, open, distance & networked education. Short Paper Book of the European Distance and E-Learning Network (EDEN) 2020 Research Workshop*. 178-188. <https://doi.org/10.38069/edenconf-2020-rw0020>
- Villar, A., Vieira, M.M., Hernández, F., Almeida, A. (2012). Más que abandono de estudios, trayectorias de reubicación universitaria. Aproximación comparada al caso español y portugués. *Revista Lusófona de Educação*, 21, 139-162. <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/3085>



## Glossário

**Persistência Acadêmica:** A capacidade dos estudantes com trajetórias complexas de superar desafios e prosseguir as suas atividades no ensino superior, muitas vezes apoiados pela determinação pessoal e por uma forte rede de apoio.

**Estudantes Adultos:** Estudantes mais velhos do que a população universitária tradicional e que podem voltar ao ensino superior depois de ingressar no mercado de trabalho ou constituir família.

**Trajetoórias Complexas:** Refere-se aos percursos diversos e não lineares que os estudantes podem vivenciar ao longo de sua jornada no ensino superior. Estas trajetórias envolvem frequentemente múltiplas transições, interrupções ou mudanças nas atividades acadêmicas, que podem ser influenciadas por fatores pessoais, sociais, económicos ou relacionados com a saúde.

**Aprendizagem Flexível:** Um princípio metodológico de aprendizagem que se preocupa em fornecer aos estudantes a maior escolha possível, adequação e personalização das suas experiências de aprendizagem. Os estudantes têm liberdade para determinar como, o quê, quando e onde aprendem. Aprendizagem aberta, aprendizagem a distância, aprendizagem online ou aprendizagem baseada no trabalho são formas de aprendizagem que normalmente proporcionam flexibilidade ao estudante em termos de acesso, conteúdo, tempo, ritmo e/ou modo de entrega.

**Pedagogia Inclusiva:** Práticas de ensino que abrangem diversos estilos de aprendizagem e integram estudantes com origens e experiências variadas.

**Mentoria de Pares:** Uma estratégia de apoio em que os estudantes mais experientes orientam aqueles com trajetórias complexas, com vista a facilitar a sua transição para o ensino superior e a promover o seu sucesso académico.

**Estudantes Reingressados:** Pessoas que retornam ao ES após uma ausência prolongada, muitas vezes por motivos de ordem pessoal.

**Iniciativas de Sucesso Estudantil:** Esforços levados a cabo em todo o *campus* destinados a melhorar o bem-estar académico, social e emocional de estudantes com trajetórias complexas, melhorando as taxas de retenção e graduação.

**Serviços de Apoio aos Estudantes:** Recursos e programas disponibilizados por instituições para ajudar os estudantes com trajetórias complexas, incluindo orientação académica, aconselhamento e assistência financeira.



